

Isaque Pinheiro
“A Caminho da Arte Preconceitual”
2 de Maio a 13 de Junho

Elementos de uma arte pre-conceitual

Isaque Pinheiro regressa com uma nova instalação de trabalhos seus, desta vez tornando visível o que ele próprio chama, com a ironia habitual que a sua obra reveste, uma *arte preconceitual*.

Neste termo enigmático configura-se, porém, uma dupla (se não mesmo uma tripla) significação. Por um lado, a que parece mais evidente, que alude directamente ao significado propriamente vernáculo da palavra, ligado à ideia do que chamamos um preconceito. E um preconceito, esclarece-nos qualquer dicionário, é algo que mobiliza uma ideia ou um conceito formados antecipadamente em relação à compreensão do que está em jogo e sem o assentar num fundamento sério ou imparcial. É, portanto, uma opinião em princípio desfavorável que não é baseada em dados objectivos.

Uma *arte preconceitual* poderia ser, então, numa primeira ordem semântica de aproximação, uma arte movida por um sentido reactivo, de negação, colocada numa função ou atitude de preconceito na sua relação com a demais arte que se pratica, o que evidentemente não pode ser o caso, dada a filiação longamente sustentada pela intervenção do artista no contexto contemporâneo e de uma forma plenamente afirmativa.

Procurando mais longe a significação, esta poderia ser — descartada que foi a primeira hipótese, por absurda — a de uma arte assistida, na sua elaboração primeira, por um conceito anterior à forma. O prefixo *pre* normalmente

designa o que antecede. Assim, *preconceitual* poderia querer significar uma arte que se situa no espaço anterior à forma, ou que parte de um conceito prévio, de que depois a forma seria apenas expressão menor, ou minorizada pela própria força do conceito. Mas, nesse caso não estaríamos longe da consagrada significação crítica e histórica que se atribui normalmente ao uso do termo *conceptual* (ou conceitual) na arte, tornando desnecessário reforçá-la com o prefixo.

Uma outra significação, então, poderia aqui sugerir-se. A de uma arte que seria, por assim dizer, anterior ao seu próprio conceito, ao pensamento que a pensasse, ou seja, na verdade e em sentido lato, uma arte *pré-conceptual*, em que a expressão estaria soberanamente presente numa relação de oposição (senão mesmo de apagamento) para com o conceito, encerrada na pura afirmação do expressivo e na negação do conceito que lhe estaria normalmente associado como ponto de partida. Porém, e antes de qualquer outra razão, a própria série de trabalhos que o artista preparou, como sempre com um cuidado e um rigor extremos, tal como a toda a sua obra que tem já longos anos de presença pública, desmentem tal possibilidade.

Tudo então, nesta sua instalação segue um fio condutor, correspondendo antes e seriamente a um conceito prévio, que a execução expressivamente esclarece, e reflectindo uma notável capacidade de definir um passo mais, sempre mais longe, no esclarecimento de uma obra que constantemente tem jogado com uma capacidade de tornar ambivalentes, ou mesmo paradoxais, os seus termos e formas. Quer, primeiramente, o sentido da sua leitura mais imediata (na obra de Isaque tudo ocorre sempre no plano de um *segundo grau*) quer o seu próprio virtuosismo, que constantemente alude subtilmente à estética (ausente) do *readymade*, mas que ao mesmo tempo desfaz precisamente através de uma elaboradíssima confecção formal digna de um *trompe l'oeil*.

Poderemos ainda perceber, porém, neste termo aqui proposto pelo artista,

algo que estaria num plano de oposição relativamente ao que a crítica de arte contemporânea designa, hoje, na sua expressão mais corrente, como o *Post-Conceptual*.

Como sabemos, este termo designa o campo por excelência do contemporâneo, ao mesmo tempo *pós-histórico* e *pós-crítico*, um espaço agora livre portanto de qualquer forma de obediência a esses paradigmas racionalizadores que definiriam os limites da sua expressão, afastando-se assim de toda a referência ao Modernismo e à sua noção estrita de História.

De facto, num acto de sentido quase disciplinador, mesmo relativamente aos seus mais recentes trabalhos, Isaque Pinheiro recorre, nas peças desta instalação, a elementos nobres da escultura clássica, o mármore e o metal. Ecrãs de computador delicadamente gravados deixam entrever, nos veios próprios da pedra laminada, imagens naturais que não podem deixar de referenciar os mapas virtuais dos motores de busca informáticos. Por outro lado, um novelo branco, cuidadosamente enrolado, quando visto na proximidade revela a sua elaboração meticulosamente cavada na pedra, à maneira do que faria qualquer escultor clássico. O *preconceitual* poderia pois ser, para encontrar finalmente uma possível definição que parece mais apropriada ao trabalho que agora vemos, a procura de um momento de suspensão relativamente ao que foi o momento *pós-conceptual*, quer dizer, algo que se deixaria ainda prender na vontade de esclarecer um diálogo com o que foi o *próprio* da chamada *arte conceptual*. Isto é, dessa arte do conceito que afinal esta procura como um referente ainda próximo.

Como se Isaque quisesse na verdade dialogar ainda uma vez mais com esse projecto histórico ainda próximo de nós por poucas décadas, e que consistiu em transportar a arte para o puro plano do conceito, desfazendo as relações de objecto, e que consagrou definitivamente a forma do *readymade* como norma sua antecessora em oposição a uma arte do fazer e do ver. E deste modo o nosso artista viesse afirmar ainda a possibilidade de inverter aquele

processo, questionando-o, ao fazer simples formas de imagens *readymade* (em si mesmas já vistas: sejam o novelo ou o ecrã), mas reconstruídas agora com os mais nobres materiais mas mantendo-se na órbita do actual ao perderem qualquer vínculo a uma função representativa.

Assim, tudo nesta instalação — porque é disso, creio, que se trata — abre para pistas falsas.

A disposição das peças pelas salas, a referência aos fios e novelos, em metal e em mármore, os ecrãs mudos e para sempre estáticos nessa mudez da pedra, as mesas de metal, os objectos friamente esculpidos pelo seu virtuosismo, mas que não guardam qualquer significação... enfim, o próprio título.

Deste modo Isaque se e nos propõe dar um passo mais, com ele, nessa estranha meditação sobre ruínas que a sua obra vem conduzindo no terreno claro da contemporaneidade, mas sem deixar de inscrever um profícuo diálogo com a tradição que o precedeu. Porque ele sabe que no acto de criação tudo é enigma.

Bernardo Pinto de Almeida

Abril 2015